

*Uma pequena prisioneira em Galang*



**A** viagem foi longa e arriscada. Depois de uma noite encolhida num canto escuro do barco para não ser observada, Chaolin acordou dolorida, meio amassada. O barco foi confundido com um pesqueiro e imediatamente as autoridades locais encaminharam seus ocupantes para Galang. Chaolin sabia que estaria seguindo para uma prisão. Pensou em Phi Lu e considerou que a prima tinha razão. Como tivera coragem de fugir de seu país para se tornar prisioneira numa ilha japonesa? Relembrou dois dos motivos: o primeiro era a fuga dos comunistas que, depois de longos anos de guerra – primeiro contra o domínio francês, depois contra o domínio americano –, reunificariam o país; o segundo era a necessidade de reencontrar seus parentes que já haviam se refugiado há alguns anos.

Desde 1975 vivera em um país dilacerado. Os comunistas chegaram a Saigon e um grande contingente de vietnamitas saiu do país como refugiado político.

Chaolin sentia-se como uma refugiada tardia. Sabia das leis sobre os refugiados, especialmente aquelas que definiam o estatuto jurídico dos perseguidos, mas não era esse seu caso. Fugia dos comunistas, embora não os conhecesse. Não lutara contra eles. Temia o que pudesse acontecer com a chegada deles, mas não vivera pessoalmente nenhum confronto.

Será que sua prima Phi Lu tinha razão? Teria sido melhor ter ficado e aprendido a conviver com os patrícios comunistas? Agora era tarde. Estava sendo encaminhada para a ilha prisão, onde esperava encontrar seus parentes.

O desembarque foi desolador. Tudo era muito pobre e a presença das forças policiais já indicava que o clima de guerra seria constante. Procurou informações sobre o lugar.

- Conhece alguém da família Ku Wu? – perguntou a um funcionário da imigração.
- Não ouvi falar nesse nome – respondeu, encantado com a beleza da moça. – Você chegou naquele barco? – perguntou apontando em direção ao mar.
- Sim – disse Chaolin, distraída.
- Onde vai se alojar?

- Não sei, nada sei daqui, mas meus parentes estão nesta ilha há alguns anos. Preciso localizar meus pais e tio, estou esgotada pela viagem e com medo – respondeu.
- Esta ilha é muito grande, os inimigos dos vietnamitas não apóiam mais os capitalistas do Sul e pretendem convencê-los a aderir ao novo governo. Muitos dos refugiados foram para o outro lado da ilha, em busca de isolamento e proteção. Pode ser que entre eles estejam seus parentes.
- Há algum tipo de serviço que se possa fazer para sobreviver? Quero ir para o outro lado. Conhece alguma coisa por lá?
- Calma – disse o rapaz. – Sei que precisam de uma professora, pois a maioria dos refugiados é constituída de crianças que precisam estudar. Se não conseguir aqui, posso ajudá-la a seguir para Hong Kong, onde os refugiados de origem chinesa são também majoritariamente jovens sem escolaridade. Aí, entretanto, eles vivem em prisões de concreto, cercadas por grades, sem jardins, sem o prazer da natureza e da liberdade.
- Estou muito aflita – disse Chaolin. – Seria possível retornar a meu país, depois dessa fuga ilegal? – perguntou.
- Penso que isso não será muito fácil – respondeu o rapaz. – Mas há um programa chamado Partida Voluntária que pode ser usado para seu retorno. As famílias têm mandado mulheres e crianças para ver quais as condições do retorno.
- Por que esculpiram a estátua da liberdade aqui, se isto é uma prisão? – perguntou a moça, olhando em direção à entrada do campo.
- Penso que simboliza o desejo de ir para os Estados Unidos e viver numa sociedade que exhibe na televisão um mundo de consumo livre, de prosperidade e de liberdade – respondeu. – Mas, diga-me, por que você não entrou no Programa de Partida Ordenada criado no Vietnã? – perguntou o rapaz.
- Não sabia da existência desse programa – respondeu Chaolin.
- É o que se faz em Ho Chi Minh, aquele que precisa de vistoria sanitária controlada por exames médicos – afirmou o rapaz.
- Como as pessoas sobrevivem nos países para onde se dirigem? – perguntou a moça.
- Os migrantes oficiais, encaminhados pelos funcionários da imigração e que fizeram exame médico e prestaram juramento, ou seguem para a casa de parentes que possam cuidar de sua sobrevivência, ou ficam nas hospedarias de imigrantes até conseguirem um posto de trabalho. Os clandestinos como você são entregues à própria sorte e, se forem pegos, certamente serão repatriados.

A moça estremeceu. O rapaz, no entanto, parecia muito seguro e convidou-a a passar a noite em sua casa. Na manhã seguinte, poderia iniciar a busca de seus familiares do outro lado da ilha. Era a primeira vez que Chaolin estaria em casa de um homem estranho.

Não sentiu medo. A solidariedade e a confiança aproximaram esses dois seres numa amizade que duraria muitos anos...

---

FOTO Estátua da Liberdade esculpida por um refugiado vietnamita, ilha de Galang, Indonésia, 1995.

MAPA n. 3 Migrações vietnamitas e megacidades do Extremo Oriente.

LIVROS KAHN, G. *Nationalism and revolution in Indonesia*. Ithaca, 1952 ■ NHAT HOANH, Thich. *Vietnã: flor de lótus em mar de fogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968 ■ OLIVEIRA, Amauri Porto de. *O Sudeste Asiático no pós-Cambodja: inserção do Vietnã*. Brasília: Funag, 1994 ■ OSGOOD, Robert E. *Estados Unidos e o mundo: da doutrina Truman ao Vietnã*. São Paulo: Ibasa, 1972 ■ TANAKA, Beatrice. *A montanha das três perguntas: um conto do Vietnã*. Rio de Janeiro: Antares, 1986.

---

FILMES *Platoon* (1986, Oliver Stone) ■ *Os gritos do silêncio* (1984, Rolan Joffé)

---

## INDONÉSIA

Em 1945, o líder nacionalista Ahmed Sukarno propôs governar por cinco princípios básicos: nacionalismo, humanitarismo, democracia, justiça social e crença em Deus. Entretanto, enquanto os partidários do Estado islâmico mantinham-se em conflito armado no oeste de Java e no sul das ilhas Célebes, jovens coronéis ambiciosos associados a políticos de direita iniciaram, em 1956, uma oposição ao governo, gerando uma crise política no país. Mediante uma série de golpes, os coronéis estabeleceram conselhos regionais autônomos em Sumatra, em Kalimantan e um governo rebelde em Padang. Os rebeldes, apoiados por Taiwan e pelos Estados Unidos, não tinham apoio popular e foram reprimidos por Sukarno.

Em 1954, o arquipélago recuperou a plena soberania, mas a Holanda ainda reivindicava poderes no território. Em 1963, como Haia se recusara a reconhecer os direitos da Indonésia, Sukarno passou a ocupar o Irian Ocidental (parte holandesa da Nova Guiné) e liderou a formação do bloco do Terceiro Mundo, na reunião de Bandung (Indonésia).

Apoiado pelo Partido Comunista, que registrava, em 1960, três milhões de filiados, Sukarno empreendeu um amplo processo de reformas sociais, objetivando elevar a renda *per capita* do país. Nacionalizou o petróleo, fundando a Pertamina. Enfermo, permaneceu no poder até 1967, quando sofreu um golpe de Suharto, apoiado pelos Estados Unidos. Militantes e simpatizantes comunistas foram massacrados.

Em 1971, o movimento estudantil manifestou-se, denunciando a corrupção e a entrega do país às máfias de contrabandistas chineses. Tentando escamotear a crise interna, Suharto iniciou uma campanha nacionalista e invadiu o Timor Oriental, que acabava de

proclamar sua independência de Portugal. Em 1977, mesmo tendo proscrito a esquerda, as forças de Jacarta manifestaram seu descontentamento em relação ao poder de Suharto, que entretanto gozava de pleno apoio interno, sendo eleito para seis mandatos consecutivos.

Em 1998, depois de longo período de crise, desemprego e carestia, Suharto renunciou, sendo substituído por Becharuddin Jusuf Habibie. Em 1999, realizaram-se, após quarenta anos, as primeiras eleições democráticas na Indonésia.